

**RESENHA DE *O CHOCALHO DE BRÁS CUBAS:*  
UMA LEITURA DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS,  
DE PAUL DIXON**

DIXON, Paul. *O chocalho de Brás Cubas: uma leitura das Memórias póstumas*. São Paulo: Edusp; Nankin, 2009. 159p.

Ao debruçar-se sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Paul Dixon, experiente estudioso da literatura brasileira, recolheu um vasto material. Os detalhes abordados têm naturezas múltiplas. Essa diversidade chegaria a constituir uma ameaça à coerência do comentário, se não fosse antecedida pela identificação de um ponto de convergência. Fazendo do discurso crítico uma reconstrução dos caminhos que Machado percorreu, desde a multiplicidade da experiência humana até a organicidade da sua composição, a imagem que dá título ao livro de Dixon – *O chocalho de Brás Cubas* – constitui eixo que confere unidade às suas próprias discussões. Partindo de uma advertência do narrador, que qualifica o seu texto como uma obra difusa, Dixon levanta uma primeira tese: no romance, a difusão fica inteiramente contrabalançada pela presença de uma ideia fixa. A hipótese hermenêutica estabelece que, ao narrar o seu percurso existencial, o defunto autor atribui aos diversos aspectos da vida vivida um movimento oscilatório, o mesmo jogo de avanço e recuo presente numa lembrança da infância.

No intuito de fazer com que o filho andasse, a mãe do pequeno Cubas agitava diante dele um chocalho de lata. Instada a caminhar prematuramente, a criança caía para um lado e para o outro. Dixon aposta no episódio como uma chave de leitura. No exame dessa passagem que considera nuclear, o leitor crítico evoca o jogo infantil referido por Freud em sua introdução à ideia do instinto de morte. A comparação leva Dixon a concluir que o problemático narrador das *Memórias póstumas* afirma-se e nega-se, ciclicamente. Todavia, a análise sustenta-se principalmente na noção proposta por Husserl para a percepção, cujo fundamento reside na ideia da intersubjetividade, vista como espaço de trocas recíprocas entre a subjetividade e as informações emitidas pelo *mundo-vida* que a rodeia. Em acordo com tais pressupostos, as oscilações do chocalho e os avanços e recuos impostos à criança servem de paradigma, guiando a leitura da

narrativa feita pelo defunto autor. O primeiro capítulo do livro de Dixon explora o episódio, buscando tornar evidente a repercussão do seu sentido em diversos níveis do relato, inclusive no nível formal. Principalmente na etapa cujo título é "O chocalho como núcleo", a estrutura da narrativa, seus temas, sua dimensão espacial, suas imagens, suas vozes filosóficas e mesmo suas organizações sintáticas são relacionadas ao padrão extraído do episódio infantil, tomado como *momento essencial da fenomenologia do romance*.

Análise minuciosa, o primeiro capítulo prepara os sete que se seguem, dimensionando um movimento expansivo. Cada uma das etapas seguintes focaliza nível específico, de modo que a organização do comentário ora evoca, com leveza, os estratos propostos por Ingarden para a obra literária, ora insiste nos aspectos enfatizados pela vasta fortuna crítica do romance. Não raramente, Dixon nos faz perceber que os dois critérios coincidem. O quarto capítulo constitui uma reiteração do primeiro, mas agora o movimento oscilatório é surpreendido nos sinais gráficos. Na esteira das análises concretistas, Dixon afirma que o narrador das *Memórias póstumas* está *interessado no aspecto plástico e material das palavras que escreve*. Por uma questão de espaço, vou dar notícia dos demais capítulos, agrupando-os em três conjuntos delineados pelos seguintes aspectos semânticos: a confiabilidade do narrador, as vozes filosóficas e o sentimento íntimo da nacionalidade.

No primeiro grupo, enquadro o capítulo segundo e o oitavo. Justifico a aproximação, considerando que, ao tratar do emplasto, a leitura lança luzes sobre as discussões travadas a respeito da confiabilidade ou não confiabilidade do narrador. Com base em Aristóteles, Dixon conclui que o discurso do narrador machadiano é antirretórico. Realizando um *assalto às tradições da persuasão*, Brás Cubas *afastaria a simpatia do leitor*. Sua confiabilidade ou não confiabilidade viria do acordo ou do desacordo com as normas de uma figura autoral implícita no texto. Postulando que a reflexão sobre o narrador das *Memórias póstumas* deve ultrapassar a questão da confiabilidade, o leitor crítico leva-nos a compreender que a dificuldade reside precisamente na determinação das normas preconizadas por esse autor implícito, que ora se afasta, ora se aproxima de Brás Cubas. Dixon recorre ao paradoxo de Parmênides. Declarando estar mentindo, o mentiroso obriga o ouvinte a considerar essa declaração verdadeira. Expondo uma natureza não-confiável, o defunto autor respalda-

se na morte e declara-se sincero. O paradoxo do mentiroso sustenta-se sobre uma indeterminação. Seguindo esse caminho, o leitor crítico parece concluir pela impossibilidade de solucionar o acordo ou desacordo entre narrador e autor, optando pela ideia de um discurso que *fica suspenso no vazio*. No entanto, o desenvolvimento da reflexão parece ir fornecendo matéria para algumas hipóteses. Entre essas, a mais consistente firma-se no capítulo oitavo, justamente na abordagem do *emplasto Brás Cubas*, destinado a curar todas as dores. A estratégia de Dixon consiste em ver, no empreendimento do emplasto, uma relação irônica com a tradição xamânica:

Combatendo a morte em experiências extáticas, o xamã traz curas para o seu povo. Assim, tentarei demonstrar que pode ser proveitoso examinar o emplasto Brás Cubas no contexto deste arquétipo [...] Muitas vezes o xamã é de uma constituição fraca ou doentia. A epilepsia é uma das enfermidades mais comuns. Crê-se que tal debilidade torna a pessoa mais sensível, mais sujeita a experiências além do controle do corpo, mais conhecedora das doenças [...]

A comparação situa o narrador machadiano no lugar de um ser doente. Sua doença é principalmente o egoísmo e o sofrimento impostos pela monotonia de um movimento permanentemente oscilatório, em que nada se renova. Contudo, se a relação é irônica, a busca de cura é um empreendimento fracassado. Nas palavras de Dixon: "o delírio corrobora a impotência do emplasto". Isso talvez ajude uma compreensão mais expandida acerca da natureza problemática do narrador. Adoecido pelo egoísmo, ele fica sob suspeita; todavia, essa mesma doença o qualifica a obter uma aproximação com as verdades do autor implícito e também a lançar véus sobre elas, conforme exigem seus próprios interesses. O princípio pode sem dúvida estender-se às vozes filosóficas que Dixon aborda nos capítulos VI e VII. O primeiro destaca a natureza universal e simultaneamente individual do delírio. O segundo focaliza o Humanitismo. Após situar a filosofia de Quincas Borba nas tradições satíricas, o capítulo VII grifa a peculiaridade dessa sátira, em que o filósofo é louco e a realidade o confirma. Novamente se trata de uma voz que, demonstrando-se não confiável, torna-se portadora de *conhecimento confirmado por um conjunto de casos exemplares*.

Com título sugestivo – "Cubas e o verme (natureza e intersubjetividade)" – o terceiro capítulo do estudo de Paul Dixon aponta a predominância de uma lógica

relacional, na aparição da natureza, determinando que seus elementos surjam no romance preferencialmente a partir de associações. Observando que a função da natureza, em Machado, distancia-se completamente daquela que desempenha na escrita dos seus contemporâneos, Dixon prepara o caminho para a discussão empreendida no capítulo VI. Assim como não vê, nas *Memórias póstumas*, uma natureza objetiva, desligada do sujeito, também a marca brasileira parece-lhe surgir ali, entranhada na subjetividade e em acordo com a definição feita em 1873, no "Instinto de nacionalidade": "interior, diversa e melhor do que se fora apenas superficial". Recorrendo à noção de "desejo triangular" proposta por René Girard, Paul Dixon vê, nas *paixões dependentes e imitativas* de Brás Cubas, a presença de um traço nacional, alvo da crítica machadiana. Vistas sob o prisma de Girard, paixões dependentes são aquelas nascidas a partir de um mediador que se procura imitar. Reportando-se ao país recentemente liberto do jugo colonial, Machado de Assis tomaria o desejo triangular e mediado pela cultura europeia como uma característica da cultura nacional. Em seu epílogo, Dixon sintetiza as variadas conclusões dos capítulos e retoma o episódio infantil, ressaltando que, também ao leitor de Machado, é imposta uma oscilação. Com passos inseguros, o leitor tentaria agarrar uma mensagem definitiva que, todavia, se retrai, frustrando expectativas.

Como se vê, Paul Dixon escreveu um livro rigoroso, portador de uma minúcia analítica que, pouco frequente nos dias atuais, faz falta, particularmente aos estudantes de graduação e de pós-graduação em Letras. Embora o leitor crítico aposte no episódio infantil, devo dizer que me impressionou sobretudo a tese do xamanismo às avessas. Deixo aqui a minha sugestão de que ele prossiga esse caminho, em suas próximas análises.

Mirella Márcia Longo  
UFBA / CNPq  
Salvador, Brasil

Mirella Márcia Longo é ensaísta, escritora, professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do CNPq, tem pós-doutorado na área de Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. E-mail: mirella.marcia@pesquisador.cnpq.br